

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

AS ORIGENS DE UMA OBSESSÃO:  
Um estudo sobre o antissemitismo de Adolf Hitler

VINÍCIUS BIVAR MARRA PEREIRA

BRASÍLIA

2013

VINIÍCIUS BIVAR MARRA PEREIRA

A ORIGEM DE UMA OBSESSÃO:

Um estudo sobre o antissemitismo de Adolf Hitler

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (UnB) para a obtenção do grau de Licenciado/Bacharel em História, sob a orientação do Prof. Dr. Wolfgang Adolf Karl Döpcke

**Banca Examinadora:**

Prof. Dr. Wolfgang Döpcke  
Prof. Dr. Estevão Chaves de Rezende Martins  
Prof. Ms. Thiago Tremonte de Lemos

**Data da defesa oral:** 19 de julho de 2013

BRASÍLIA  
2013

“You are not from the Castle, you are not from the  
village, you are nothing”

Franz Kafka

## **Resumo**

A presente iniciativa de pesquisa tem como objetivo analisar aspectos relevantes ligados a formação ideológica do ditador Adolf Hitler, em especial seu antissemitismo. Para isso se propõe a investigar as alterações que esse conceito sofreu ao longo do século XIX, bem como as apropriações posteriores com as quais Hitler teve contato durante sua juventude, passando por Braunau am Inn, Linz, Viena e finalmente Munique, onde o ditador inicia sua carreira política. Visando atingir o objetivo supracitado este trabalho se debruça sobre questões como a historicidade do conceito de raça, o caráter não-biológico das ideias professadas por Hitler e a imagem construída por ele acerca dos judeus, visando contextualizar a ideologia constituída e divulgada ao longo da República de Weimar.

**Palavras chave:** Antissemitismo, Adolf Hitler, Holocausto

## **Sumário**

<b>Introdução.....</b>	<b>pg. 6</b>
<b>Capítulo 1 -Surgimento do "Antissemitismo Moderno".....</b>	<b>pg. 9</b>
<b>Capítulo 2 - A conversão de Adolf Hitler.....</b>	<b>pg. 17</b>
<b>Capítulo 3 - O antissemitismo de Hitler e sua ideia de raça.....</b>	<b>pg. 24</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>pg. 32</b>
<b>Fontes.....</b>	<b>pg. 37</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>pg. 38</b>

## Introdução

Ao longo dos últimos 60 anos estudiosos vem tentando compreender como foi possível que algo como a “Solução Final” ocorresse. Dentre os vários elementos que constantemente fundamentam discussões acerca de um dos eventos mais marcantes do século XX destaca-se como presença obrigatória o antissemitismo. Os debates, sobretudo em abordagens mais recentes, questionam seu papel como condição suficiente para o Holocausto, sendo porém inegável tratar-se de uma condição necessária para que o assassinato em massa de judeus fosse levado a cabo.

Durante varias décadas, ao menos até a controvérsia envolvendo a obra de Daniel Goldhagen, o debate polarizou-se entre aqueles que enxergavam em Hitler um fator essencial ao desenrolar dos acontecimentos que levaram os nazistas ao poder e os que advogavam em favor de uma proposta estrutural, onde Hitler era apenas uma das peças.

Nas ultimas décadas esse cenário sofreu mudanças significativas. A tendência entre os historiadores é buscar pontos de contato entre as duas perspectivas, construindo uma visão mais complexa acerca do papel de Hitler no jogo político de Weimar. Compreende-se portanto que Hitler se insere em um contexto, porém não é prisioneiro de um jogo político articulado, buscando uma análise mais complexa de sua relação com os judeus nesse ambiente.

A presente texto monográfico tem como objetivo apresentar algumas reflexões acerca dos aspectos fundamentais relacionados ao desenvolvimento das ideias antissemitas no início do século XX, com destaque para o antissemitismo professado pelo ditador Adolf Hitler. Muito se fala acerca do antissemitismo e de seu papel na ascensão do nacional-socialismo, porém são poucos os trabalhos que se dedicam a um estudo detalhado do antissemitismo do Führer.

Dentre as obras publicadas que tratam do tema, muitas são fruto da “Hitler Wave” da década de 1970, momento em que observa-se uma profusão de trabalhos biográficos e psico-histórico de qualidade questionável. O diferencial que proponho é contextualizar Hitler e seu antissemitismo, visando compreender o quão únicas foram suas ideias. Para isso faz-se necessário dividir a presente iniciativa de pesquisa em três momentos.

O primeiro está relacionado a transição do antissemitismo de caráter religioso para o

pseudocientífico. Isso significa compreender a influência do século XIX na atualização do conceito de antissemitismo, fenômeno a ser analisado em uma duração estendida que compreende o período formativo de Hitler. Seu objetivo é averiguar até que ponto o ainda futuro ditador foi influenciado por concepções adaptadas de uma antissemitismo preexistente.

O segundo momento trata da consolidação, ou da negação dessa consolidação, das ideias de Hitler acerca do antissemitismo. Buscar-se-á estabelecer em que momento Hitler se tornou um antissemita e em que grau. O debate acerca desse elemento é vasto, e não se pretende chegar a um veredito, mas estabelecer com algum grau de certeza em que contexto seu antissemitismo se insere.

O terceiro momento diz respeito a suas ideias propriamente ditas. A proposta é elucidar aspectos referentes ao caráter do antissemitismo de Hitler, compreender suas concepções com base em uma análise quantitativa e qualitativa da utilização de seus argumentos. O foco na década de 1920 se faz necessário ao percebermos uma discrepância significativa entre menções a argumentos antissemitas anteriores e posteriores a 1924. Tal discrepância merece especial atenção, pois a quantidade reduzida de menções aos judeus tem levado historiadores a questionar o papel do antissemitismo na ascensão do nazismo.

Metodologicamente este trabalho se baseia na leitura de livros e artigos sobre temas relacionados a Hitler e ao antissemitismo, bem como na análise de fontes primárias, sobretudo aqueles que apresentam argumentos antissemitas e cuja confecção contou com participação direta do ditador. As leituras não se restringem, porém, a intersecção entre os dois temas, também foram consultadas obras que tratam de ambos separadamente, com intuito de compreender os elementos de forma mais ampla, do contrário estaria incorrendo no mesmo equívoco personalista que muitos dos autores que escreveram sobre o tema na década de 1970.

O objetivo é portanto oferecer uma abordagem equilibrada, evitando maniqueísmos típicos dos estudos anteriores a década de 1990, que opõe intencionalistas e funcionalismo, atribuído a responsabilidade a Hitler ou as “estruturas”, quando na verdade a composição desses fatores é o que possibilita a compreensão do fenômeno nazista.

Porém o desafio amplia-se pela escassez de fontes acerca de alguns períodos da vida do

Führer, demandando do historiador um certo esforço de conjectura, reconhecido por parcela significativa dos estudiosos da vida de Hitler. O problema supracitado se acentua ao recuarmos aos anos anteriores à mudança de Hitler para Munique, dificultando o estabelecimento de marcos sólidos acerca de sua vida.

Além da escassez, o acesso a essas fontes também é limitado. A presente análise só foi possível graças a existência de bases de dados destinadas à compilação de documentos acerca da história alemã. O conhecimento da língua alemã é também um limitador. Parte significativa deste trabalho foi feita com documentos traduzidos, sobretudo para o inglês. Visando minimizar o impacto metodológico do uso excessivo de traduções, recorri diversas vezes aos originais em trechos de especial interesse para esta pesquisa.

A vasta literatura acerca de ambos os temas, ou seja, Hitler e antissemitismo, foi de grande valia. Foi a partir do confronto entre as fontes e a literatura que este trabalho se tornou viável, fornecendo um contraponto a algumas das propostas interpretativas extraídas da leitura das fontes e esclarecendo algumas das ambiguidades e contradições inerentes a ideologia hitlerista e a seu desenvolvimento, objeto essencial desse esforço de pesquisa.



## Capítulo 1 - Surgimento do "Antissemitismo Moderno"

Um dos grandes temas que permeia o debate acerca das origens do Holocausto é o antissemitismo, em especial o professado por Hitler. Não há dúvidas que o antissemitismo foi um dos elementos que alimentou a radicalização que culminou com o assassinato de cerca de 6 milhões de Judeus, porém historiadores ainda se dividem acerca de sua centralidade. A controvérsia em torno do livro de Daniel Goldhagen reacendeu essa discussão. Sua proposta, muito criticada no meio acadêmico, defende a existência de um sentimento “eliminacionista” na Alemanha, fruto de um antissemitismo de longa duração. Apesar de não fazerem uso do conceito de “antissemitismo eliminacionista”, Raul Hilberg<sup>1</sup> e Jocelyn Hellig<sup>2</sup> também acreditam ser importante entender o antissemitismo como um fenômeno de longa duração. Não é pertinente estender demasiadamente essa análise, porém algumas observações acerca dessa proposta são relevantes.

Seu principal argumento gira em torno do antissemitismo cristão, Hilberg inclusive traça paralelos entre decisões antissemitas tomadas por Constantino, e subsequentemente por diversos Papas, e decisões levadas a cabo durante o Terceiro Reich.<sup>3</sup> Ambos, Hilberg e Hellig, advogam em favor de uma continuidade, argumentando que Hitler não teria inovado, mas dado um passo adiante em um processo que durou séculos. Essa abordagem se diferencia ligeiramente do tradicional Sonderweg, caminho especial ou diferenciado, que teria sido trilhado pela Alemanha, no entanto não rompe completamente com essa perspectiva.

Apesar de relevante para a compreensão do antissemitismo como ideia, as abordagens de Goldhagen, Hilberg e Hellig negligenciam o papel do século XIX. Os autores supracitados mencionam a transição ocorrida ao longo desse século do antissemitismo religioso para o político/pseudocientífico, porém dedicam-se de maneira superficial a essa transição, ponto fulcral para a compreensão do modelo que balizou o Hitler e o Nacional Socialismo. Cabe então, como ponto de partida de uma reflexão mais ampla sobre o antissemitismo de Hitler, compreender como essa transição afetou as manifestações de ódio aos judeus, em especial na Alemanha.

O século XIX foi palco de uma mudança de paradigma que elevou as ciências a elemento

---

1 HILBERG, Raul. The destruction of European Jews: precedents. In: BARTOV, O. The Holocaust: Origins Implementation, Aftermath. New York: Routledge, 2001. pg. 21-42.

2 HELLIG, Jocelyn. The Holocaust and Antisemitism: a short history. Oxford: Oneworld, 2003.

3 Para detalhes consultar: HILBERG, 2001. pg. 28-30

legitimador do discurso. Trata-se de um período de transição onde se buscava conjugar valores tradicionais com valores emergentes entre eles os científicos. Um exemplo que ilustra bem essa busca é o de William Paley e sua obra “Natural Theology”. Essa obra advoga em favor do uso da ciência como ferramenta probatória da existência de Deus<sup>4</sup>, compondo elementos religiosos e científicos, racionais, com objetivo de adaptar valores tradicionais as exigências do mundo que vivenciava os efeitos da Revolução Industrial. Seria leviano reduzir o século XIX apenas a esse aspecto, porém ele representa a essência desse momento histórico no que tange o antissemitismo.

Essa transição ocorre sobretudo na segunda metade do século XIX. A Europa, em especial a Alemanha, pareciam estar indo na direção oposta ao que se imaginaria considerando a escalada progressiva proposta por Hilberg, Hellig e Goldhagen. Stackelberg cita a emancipação cuja conclusão, segundo este autor, se deu as vésperas da unificação na Alemanha.<sup>5</sup> Harket, porém, demonstra de maneira mais eficiente a ideia de processo:

“Em alguns estados onde a emancipação se deu mais cedo, esta ficou fortalecida após o Congresso de Viena, em 1815, desde que não tivesse chegado na ponta da baioneta. Especialmente em Berlim, capital da Prússia, onde a bandeira da emancipação fora içada já antes da Revolução Francesa.”<sup>6</sup>

A inversão desse momento favorável se deu sobretudo com a adoção do conceito de antissemitismo como ferramenta de luta política. Movimento que se popularizou na Alemanha já unificada com a contribuição de Wilhelm Marr e a criação da Liga Antissemita em 1879, responsável pela publicação dos *Antisemitische Hefte*, Cadernos Antissemitas. Einhart Lorenz localiza um ponto central da transição referida anteriormente nesse mesmo ano, com a “benção acadêmica” conferida pelo historiador Heinrich von Treitschke.<sup>7</sup>

Treitschke publicou o artigo “As nossas possibilidades” no jornal *Preussische Jahrbücher*, que em sua última parte aborda a possibilidade de integração dos judeus na sociedade alemã, obviamente sob um ponto de vista nacionalista e conservador, desencadeando o que ficaria conhecido como

---

4 TESS, Cosslett. *Science and Religion in the Nineteenth Century*. New York: Cambridge University Press, 1984

5 STACKELBERG, Roderick. *Hitler's Germany*. Londres: Routledge, 1999.

6 HARKET, Håkon. Alemanha: No pensamento da violência. In: ERIKSEN, et al. *História do Anti-Semitismo*. Lisboa: 70, 2010. pg. 194

7 LORENZ, Einhart. Berlim: O Desenvolvimento do “Anti-Semitismo Moderno”. In: ERIKSEN, et al. *História do Anti-Semitismo*. Lisboa: 70, 2010. pg. 297

“controvérsia antissemita de Berlim”. Treitschke argumenta: “Não se pode contradizer que os semitas, com mentiras e fraudes, tiveram grande responsabilidade na fundação da ganância arrogante e que são cúmplices do materialismo ganancioso do nosso tempo.”<sup>8</sup> Nesse mesmo artigo o historiador alemão acaba por conceber aquelas que se transformariam nas palavras de ordem da luta antissemita: “os judeus são a nossa desgraça”<sup>9</sup>. Foi nesse contexto que nasceu, em Braunau am Inn, Adolf Hitler. Foi também em meio a essas ideias que o jovem Hitler cresceu. Mas antes de dedicar ao antissemitismo de Hitler, cabe retomar a análise acerca das origens do “antissemitismo moderno”.

É amplamente aceito que as ideias antissemitas circulavam pela Europa na segunda metade do século XIX, bem como no início do século XX, e exemplos polêmicos como o de Treitschke contribuíram para a popularização do tema. Mas outro elemento de grande importância deve ser adicionado à equação, o nacionalismo. O longo século XIX poderia facilmente ser descrito como o século formativo das nações e identidades nacionais europeias, sobretudo em território continental. Isso teve impacto expressivo na maneira como os judeus eram encarados, especificamente na Alemanha, que teve sua unificação apenas na década de 1870, seu efeito não pode ser ignorado.

Nesse contexto o nacionalismo desempenhou papel importante no processo de exclusão das minorias. É importante, primeiramente, fazer algumas considerações acerca do que é o nacionalismo e como ele se manifestou nesse momento histórico. Nacionalismo, segundo Bobbio, é a ideologização do conceito de nação, que nesse contexto está intimamente ligado à territorialidade. Autodeterminação e Estado-nação são também relevantes na compreensão da conjuntura alemã posterior à unificação, porém a existência desses princípios não bastava, era preciso difundir-os amplamente com objetivo de cunhar uma unidade.

Durante o período de 1870 até 1914, que podemos designar como período formativo de uma primeira identidade alemã, parecia não haver um elemento que conferisse coesão às classes, localidades, etnicidades inseridas sob o conceito de nação. Isso significou na prática que a nação germânica, talvez mais do que qualquer outra, precisou ser construída, o que implica elencar pontos comuns ou excluir parte da diversidade de grupos que habitavam o que agora passou a se chamar Alemanha.

---

8 Treitschke apud LORENZ, 2010. pg. 297

9 Idem.

Além de categorias culturais como a língua, a religião e um passado comum, o conceito de raça também foi apropriado com objetivo de estabelecer critérios de nacionalidade. Como dito anteriormente, isso conferia legitimidade, “benção acadêmica” como no caso Treitschke, ao discurso. A darwinismo como teoria social, eugenia, também se difunde nesse contexto, agregando o elemento hierarquizante ao nacionalismo e conseqüentemente ampliando o leque de argumentos antissemitas.

O problema da nacionalidade estava posto, e a discussão acerca da inclusão ou exclusão de determinados grupos, não restritos aos judeus, é um dos elementos que justifica a datação proposta, 1870 -1914, para o período formativo da Alemanha. Foi diante desse desafio que Bismarck lançou sua *Kulturkampf* no final da década de 1870. Parte da luta de Bismarck pela cultura alemã consistia em, opondo-se a Igreja católica<sup>10</sup>, “germanizar” aqueles referidos pelo próprio Bismarck genericamente como “inimigos do Reich”, categoria que incluía judeus apesar de estes não serem referidos de maneira direta.

Tratava-se de uma ampla política de assimilação com objetivo de construir um conjunto cultural comum que agregasse aqueles que habitavam o território recém unificado. Porém, essa discussão não se restringe aos anos em que Bismarck estava diretamente envolvido no projeto nacional alemão e adentrou o século XX, sobretudo no que tange a situação dos poloneses.

Além de serem obrigados a frequentar escolas onde aprenderiam apenas a cultura alemã, língua, história, literatura, também fazia parte da empreitada de Bismarck a transferência de terras pertencentes a poloneses para populações alemãs como denuncia Ludwik Jazdzewski.

“The Settlement Commission – and the Minister cannot deny this – was called into being in 1886 at his own suggestion, when he was still a deputy; it was he himself who pushed for this unfortunate measure. And what is its goal? The displacement of Polish owners and workers from their ancestral soil, with the stipulation that a parcel of the land purchased with state funds can never, ever be sold to a Pole, who is, after all, supposed to be a citizen with equal rights like everyone else.”<sup>11</sup>

---

10 KENT, George. Bismarck e o seu tempo. Brasília: UnB, 1982. pg. 85

11 *Stenographische Berichte über die Verhandlungen des Preußischen Hauses der Abgeordneten*[*Stenographic Reports on the Proceedings of the Prussian House of Representatives*], 19 LP, III Session, Vol. 1, pp. 173-74. Disponível em: [http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub\\_document.cfm?document\\_id=771](http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub_document.cfm?document_id=771)

Mesmo as portas da Grande Guerra a polarização parecia persistir. O historiador Hans Delbrück, em 1914, chama novamente a atenção para a exclusão das minorias de poloneses, além de dinamarqueses e franceses, dentro do processo de “germanização”. Em seu discurso ele argumenta em favor de um engrandecimento do sentimento nacionalista polaco em virtude do projeto excludente em curso desde 1886.

A minoria polonesa foi o principal grupo de oposição a proposta “germanizadora” do Reich, e também o principal alvo das medidas propostas para constituição nacional do Império. Bismarck, ainda em 1886, demonstra sua preocupação com a questão dos poloneses em um discurso a assembleia prussiana, relatando tentativas anteriores de integração ao longo do século XIX que falharam, situações em que os poloneses não foram dignos da “confiança” dos monarcas da Prússia<sup>12</sup>. O caso dos poloneses da Prússia é um dos bons exemplos da maneira como o Reich conduziu a “germanização” necessária a constituição de uma nação em território alemão. Porém é preciso compreender também de que maneira isso afeta os judeus e a ideologia antisemita.

Ao analisar o conjunto das fontes primárias utilizadas nessa pesquisa, percebe-se uma presença significativamente maior de grupos sociais, em especial da Igreja Católica, sem vínculos com o Estado. Também não se observa nesse momento, final do séc. XIX e início do XX, grandes medidas legislativas direcionadas aos judeus. Os próprios partidos antisemitas, segundo Lorenz<sup>13</sup>, após breve ascensão nas eleições de 1893 voltaram a ter influência reduzida a partir de 1896. Esses elementos sugerem que os alemães comuns tiveram significativa importância na circulação de ideias antisemitas, o que não necessariamente reflete um antisemitismo generalizado como argumentam autores como Goldhagen.

Passemos então a uma reflexão acerca da inserção do judeu nesse contexto. Foi ainda na segunda metade do século XIX que foi realizado um evento emblemático, o primeiro Congresso Antijudeu em Dresden. Ocorrido nos dias 11 e 12 de setembro de 1882, esse evento produziu um

---

12 *Stenographische Berichte über die Verhandlungen des preußischen Abgeordnetenhauses* [*Stenographic Reports on the Proceedings of the Prussian House of Representatives*], 14th legislative period 1885/88, 1st Session, vol. 1, 8th Meeting, Berlin, January 28, 1886, pp. 164ff; reprinted in Otto von Bismarck, *Werke in Auswahl. Jahrhundertausgabe zum 23. September 1862* [*Selected Works. Centennial Edition for September 23, 1862*], ed. Gustav Adolf Rein et al., 8 vols, vol. 7, *Reichsgestaltung und Europäische Friedenswahrung* [*Formation of the Reich and Keeping Peace in Europe*], Part 3, 1883-1890, ed. Alfred Milatz. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2001, pp. 352-78. Disponível em: [http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub\\_document.cfm?document\\_id=1840](http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub_document.cfm?document_id=1840)

13 LORENZ, Einhart. Berlim: O Desenvolvimento do “Anti-Semitismo Moderno”. In: ERIKSEN, et al. História do Anti-Semitismo. Lisboa: 70, 2010. pg. 311

documento fundamental a qualquer análise acerca do antissemitismo naquele contexto. O manifesto, intitulado “Manifesto aos Governos e ao Povo das Nações Cristãs Ameaçadas pelo Judaísmo”, expõe parte significativa dos argumentos antissemitas que, naquele momento, eram utilizados, ilustrando pontos importantes levantados neste trabalho.

Já no primeiro ponto, de caráter introdutório, o manifesto elenca uma série de ameaças ao povo cristão, personificadas em povos classificados, juntamente com os judeus, como “raças estrangeiras”.

“In the course of the past centuries, the culture, civilization, prosperity, and future of the European Christian peoples were threatened, in turn, by Arabs, Tartars, and Turks – peoples of a foreign race and religion whose attacks and onslaughts were successfully fought back by the weapons of European Christians at the time. Likewise, in our times, another foreign race threatens the culture, civilization, prosperity, and future of the European Christian peoples – a foreign race that is no less dangerous. Nay, in terms of its means and objectives, it is probably even more dangerous than those aggressive national elements. This foreign race is the Jewish race.”<sup>14</sup>

Mesmo sendo um documento direcionado a um determinado grupo religioso, no caso os cristãos, é possível observar a utilização do conceito de “raça” como elemento de distinção entre os grupos civilizacionais mencionados. Esse documento ilustra de maneira eficiente a extrapolação do antissemitismo, agora não mais restrito a barreiras religiosas.

O conceito de “raça” é utilizado diversas vezes no documento em especial para caracterizar os judeus, referidos algumas vezes explicitamente como “Jewish race”. Os pontos seguintes lançam luz sobre a maneira como o judeu era visto pelo grupo que redigiu o documento, porém muitos dos pontos elencados correspondem a esteriótipos amplamente difundidos, e que serão posteriormente apropriados por Hitler.

Um exemplo emblemático é o plano judaico de dominação mundial e escravização da

---

14 *Manifest an die Regierungen und Völker der durch das Judenthum gefährdeten christlichen Staaten laut Beschlusses des Ersten Internationalen Antijüdischen Kongresses zu Dresden am 11. und 12. September 1882*[*Manifesto to the Governments and Peoples of the Christian Nations Threatened by Judaism*]: *The First Anti-Jewish Congress in Dresden (September 11-12, 1882)*. Chemnitz, Sachsen: Verlag von Ernst Schmeitzner, 1882, pp. 1-14. [Bundesarchiv, ZSg 2/15 (4)]. Disponível em: [http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub\\_document.cfm?document\\_id=581](http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub_document.cfm?document_id=581)

população europeia referido como “plans for world domination and putting irons on the European peoples”, um dos argumentos mais notórios empregados por Hitler. A tese do “judeu como mestre dos mercados financeiros” também esta colocada.

“The Jews have become the undisputed masters of the financial markets. They dominate the stock exchanges, where they determine the price of money and monetary values, commodities, and industrial goods at will. (...) Consequently, they are the creators of fictitious values, the masters of credit and monetary turnover, whose channels they open up, at liberty, to their own fellow tribesmen while closing them off to any non-Jew not to their liking.”<sup>15</sup>

O grupo, composto por figuras como os Barões de Fechenbach-Laudenbach e Thüngen-Rossbach, regiões no Centro-sul da Alemanha, além de membros do parlamento, representante de órgãos do Reich, donos de fábricas, após discorrer sobre suas razões elabora um conjunto de teses com objetivo de conter a influência dos judeus e eliminar os perigos que advêm dessa influência<sup>16</sup>.

Seu número reduzido possibilita uma análise ligeiramente mais aprofundada de algumas das premissas apresentadas a começar pela imigração. Esse foi o primeiro ponto, prevenir que judeus, especialmente do Leste Europeu, imigrem para a Alemanha. Saul Friedländer observa que mesmo entre os judeus havia uma divisão, sendo os do leste muitas vezes vistos como primitivos. A assimilação no Leste ocorria de forma mais tímida segundo Friedländer. Enquanto em países como França e Holanda a busca pela assimilação era elemento importante, no caso de Polônia e Hungria essa preocupação existia, porém em menor escala. Por outro lado, os judeus do Leste acreditavam faltar “*Yiddishkeit*” aos que habitavam o Oeste<sup>17</sup>.

O segundo ponto pede uma reforma político-econômica com objetivo de conter a influência judaica nesse meio. Trata-se de um dos argumentos mais utilizados por Hitler como veremos posteriormente. Sua sustentação está na ideia dos judeus como beneficiários da especulação financeira inerente ao sistema econômico moderno, citando inclusive os Rothschild como exemplo. A origem desse argumento não está clara, sendo fruto provavelmente da generalização de alguns

---

15 Idem.

16 “break this influence and to eliminate the evils and danger inevitably resulting from it”

17 FRIEDLÄNDER, Saul. Nazi Germany and the Jews 1939-1945: The Years of Extermination. New York: Harper Perennial, 2008. pg. 6

exemplos como o supracitado.

O terceiro ponto fundamental dentro de sua perspectiva é o amplamente conhecido argumento da “nação dentro da nação”. Ele será posteriormente apropriado por ideólogos *völkisch*, assim como por Hitler. Trata-se de entender o judeu como não pertencente à nação alemã em formação naquele momento. O documento sugere medidas restritivas de direitos aos judeus contrapondo-se à tendência emancipacionista observada anteriormente na história alemã.

O último argumento, referente ao quarto ponto, está intimamente relacionado aos dois anteriores. Trata-se da isenção do judeu do serviço militar, o que se justifica baseando na sua exclusão da nação alemã. Porém, sugere o texto, os judeus devem colaborar contribuindo com uma taxa especial.

No tocante à questão racial, o documento estabelece uma diferenciação entre raça e elementos morais, advindos sobretudo relacionados à religião. Esse dado é importante para a análise da concepção racial professada posteriormente pelo próprio Hitler a ser analisada nos próximos capítulos.



## Capítulo 2 - A conversão de Adolf Hitler

Como visto até aqui, o contexto em que o jovem Hitler nasceu e cresceu é conhecido. As ideias antissemitas circulavam pela Europa, inclusive nos países de língua alemã, Áustria e Alemanha. Porém o momento em que Hitler teria se tornado um antissemita convicto ainda não está claro. São varias as hipóteses, no entanto, podemos reduzi-las a três momentos chave.

O primeiro seria precoce, possivelmente influenciado pelo pai ou por professores da *Realschule* em Linz. O segundo seria posterior a morte de sua mãe, já em Viena, momento que o próprio Hitler coloca como crucial em *Mein Kampf*. O terceiro estaria relacionado ao fim da Primeira Guerra Mundial, em Munique. Todas as perspectivas apresentadas acima tem por trás grandes historiadores que as sustentam e argumentos plausíveis fortemente embasados em fontes. Isso torna ainda mais difícil determinar em qual desses momentos Hitler teria se tornado antissemita convicto.

O aspecto relevante dessa discussão, para os fins propostos deste trabalho, talvez não seja estabelecer um ponto de inflexão, mas compreender o desenvolvimento do antissemitismo de Hitler ao longo de sua trajetória, elemento que permeia toda a presente iniciativa de pesquisa. Faz-se então necessária uma reflexão breve, de caráter introdutório, sobre a o caminho que levou Hitler de Braunau am Inn até Munique.

Aqueles que advogam em favor de uma ideologização precoce, ocorrida ainda na adolescência, utilizam como argumento a atuação do pai de Adolf, Alois Hitler, e possivelmente de professores da *Realschule*, onde Hitler estudou. Existem poucos indícios que corroborem essa argumentação, um dos seus alicerces está em August Kubizek, amigo de infância do futuro ditador que declara explicitamente que quando se conheceram Hitler era um “antissemita pronunciado”<sup>18</sup>.

É importante observar que o relato de Kubizek foi escrito algum tempo depois dos acontecimentos relatados, Kershaw menciona inclusive que o trabalho teria sido encomendado pelo Partido Nazista<sup>19</sup>, NSDAP, sendo publicado originalmente em 1953. Kershaw escreve também que

---

18 “Ich kann es mir gar nicht anders denken; denn als ich Adolf Hitler kennenlernte, war er bereits ausgesprochen antisemitisch eingestellt.” Um dos trechos mais populares utilizados para legitimar o argumento da ideologização precoce, que pode ser encontrado por exemplo em Gerald Fleming, 1987.

19 KERSHAW, Ian. Hitler. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. pg.45

Kubizek teria tido tempo suficiente para ler *Mein Kampf* e levantando semelhanças entre as versões dele e as do próprio Hitler<sup>20</sup>. É difícil crer que Hitler houvesse cristalizado convicções antissemitas nesse momento, porém o contato do futuro ditador com esse tipo de ideia é inegável.

O debate acerca do período vienense é um pouco mais complexo. O principal desafio em que esbarra o historiador é a ausência de fontes. *Mein Kampf* continua a ser a principal fonte acerca desse período, geralmente colocada em oposição a um documento de 1919, sua primeira declaração antissemita conhecida. Apesar de conhecermos os ideólogos que influenciaram Hitler durante sua estadia em Viena, nomeadamente Karl Lueger, Georg Ritter von Schönerer e Jörg Lanz von Liebenfels, não está claro o grau de influência que suas ideias exerceram sobre o futuro ditador. Isso significa que, para poder comparar esse dois momentos, Viena e Munique, o historiador precisa montar um mosaico ideológico de difícil compreensão.

Dentre os ideólogos citados o que sem dúvida se destaca é Karl Lueger. Hitler o descreve como “o maior burgomestre de todos os tempos”<sup>21</sup>. Hitler alega tê-lo conhecido por meio da publicação antissemita *Deutsches Volksblatt*. O futuro ditador “apesar de não concordar com sua (*Volksblatt*) atitude radicalmente antissemita”<sup>22</sup>, viu-se compelido a aderir ao antissemitismo após o que ele descreve como “lutas íntimas, entre meus sentimentos e minhas ideias”<sup>23</sup>. Trata-se de uma das passagens mais impactantes do relato em que Hitler descreve seu encontro “com um indivíduo vestido em longo caftan e tendo pendidos da cabeça longos cachos pretos”<sup>24</sup>. A passagem do encontro com o judeu é para Hitler o momento definitivo de sua conversão.

Apesar da relevância atribuída por Hitler a esse momento de sua vida, criou-se entre os historiadores relativo consenso sobre uma conversão posterior. Não se trata de negar a importância de Viena na formação da ideia de antissemitismo, porém a ausência de outras fontes que corroborem o testemunho do ditador fez com que vários dos principais nomes da historiografia, dos quais podemos citar Kershaw, Evans e Lukacs, adotassem 1919 como momento decisivo para o

---

20 KERSHAW, Ian. Hitler. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. pg. 45

21 “Heute sehe ich in dem Manne mehr noch als früher den gewaltigsten deutschen Bürgermeister aller Zeiten.” (1943, p.59) ou (2005, p.46) na edição brasileira.

22 “Mit dem scharfen antisemitischen Tone war ich nicht einverstanden, allein ich las auch hin und wieder Begründungen, die mir einiges Nachdenken verursachten.” (1943, p.58) ou (2005, p.46)

23 “Sie hat mir die meisten inneren seelischen Kämpfe gekostet, und erst nach monatelangem Ringen zwischen Verstand und Gefühl begann der Sieg sich auf die Seite des Verstandes zu schlagen.” (1943, p.58) ou (2005, p.46)

24 “Als ich einmal so durch die innere Stadt strich, stieß ich plötzlich auf eine Erscheinung in langem Kaftan mit schwarzen Locken.” (1943, p.59) ou (2005, p.46)

antisemitismo de Hitler.

Isso não significa negar a importância dos momentos anteriores. O contato com Schönerer ainda em Linz se reflete posteriormente na formação de sua visão de mundo, *Weltanschauung*. O mesmo ocorre com o monge Jörg von Liebenfels. Sua descrição e hierarquização racial pode ser observada em diversas das declarações antissemitas proferidas por Hitler ao longo de sua trajetória política. A revista *Ostara*, publicação de von Liebenfels, foi possivelmente uma das leituras relevantes na vida de Hitler<sup>25</sup>, o que explicaria sua aproximação não apenas do antisemitismo, mas também do ocultismo. Fest afirma que “sua influência sobre Hitler marcou menos sua ideologia do que a patologia que lhe servia de base”<sup>26</sup>.

Lueger, por sua vez, moldou Hitler para além do antisemitismo que professava. Se tornou um modelo de atuação política para o ditador. Lukacs em uma de suas notas<sup>27</sup> compara o encanto exercido por Hitler sobre as mulheres ao de Lueger. Suas posturas como orador e conforto diante das massas certamente beberam na fonte do político austríaco, elemento corroborado pelo elogio previamente citado feito em *Mein Kampf*<sup>28</sup>.

Mesmo o relato do “encontro com o judeu em Viena” não pode ser negligenciado em sua importância. Parece razoável admitir, como ressalta Kershaw, que mesmo que seu impacto tenha sido superdimensionado por Hitler, propositalmente ou não, essa experiência o levou a refletir sobre sua própria identidade e a daquele ser, que aos seus olhos, não parecia alemão<sup>29</sup>. No referido consenso, Fest representa a exceção, ao advogar que ao sair de Viena Hitler já havia se tornado um “antissemita fanático”<sup>30</sup>.

A fonte, nesse caso *Mein Kampf*, nos diz mais sobre o Adolf Hitler da década de 1920, do que sobre o jovem morador de Viena. O ambiente também não era favorável para que o antisemitismo de Hitler se destacasse. Torna-se difícil portanto afirmar que Hitler teria se tornado um antissemita convicto ainda em Viena.

---

25 KERSHAW, Ian. Hitler. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. pg. 63

26 FEST, Joachim. Hitler. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976. pg. 38

27 LUKACS, John. O Hitler da História. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.196n.23

28 KERSHAW, Ian. Hitler: Um perfil no poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. p.27

29 Idem.

30 FEST, Joachim. Hitler. Orlando: Hartcourt, 1974. p. 39.

Em 24 de maio de 1913 Hitler finalmente se muda para Munique, Kershaw<sup>31</sup> observa que a herança do pai, que o futuro ditador só receberia ao completar 24 anos, foi um dos motivos que manteve Hitler em Viena por tanto tempo. A essa mudança segue-se a guerra, evento que teria impacto decisivo em sua trajetória tornando-se um motivador para sua inserção na política.

Dentre os autores que advogam em favor de um antissemitismo consequência da experiência no *front* podemos destacar a obra do historiador alemão Thomas Weber. Em seu livro intitulado “Hitler's First War”<sup>32</sup>, Weber questiona alguns aspectos relacionados ao período em que Hitler serviu as forças armadas alemãs. Para esse autor estava claro, ao menos em 1916, que Hitler já havia se tornado um antissemita. Ele cita o ódio de Hitler por um oficial judeu, Hugo Gutmann, o que exemplifica a abertura com que Hitler tratava o tema ainda durante a guerra<sup>33</sup>.

Como já levantando nos parágrafos anteriores, o antissemitismo de Hitler não se destaca no cenário vienense, tampouco, segundo Weber, isso ocorre no contexto alemão. A guerra acabou se tornando um terreno fértil para extremismos, dentre os quais o autor destaca o avanço da extrema direita, o que possibilitou o florescimento do antissemitismo em meio a sociedade alemã, sobretudo nos grandes centros urbanos<sup>34</sup>.

O fracasso militar definitivo em 1918 teve consequências ainda mais devastadoras, como nos lembra não apenas Weber, mas também Evans<sup>35</sup>, Kershaw<sup>36</sup> e Friedländer<sup>37</sup>. Na esteira de argumentos como a da “punhalada nas costas” esses movimentos ganham adesão de adeptos indignados com o desfecho da guerra e com o Tratado de Versalhes. Podemos afirmar então, que antes de retornar a Munique, ele já havia se tornado um antissemita. A principal fonte utilizada na análise de seu retorno a Baviera, e tida como prova fulcral da conversão de Hitler é uma declaração escrita em 1919, em resposta a Adolf Gemlich.

Já nesse documento, Hitler retoma vários dos argumentos apresentados no Congresso Antissemita de Dresden, porém sua defesa acerca do judaísmo como raça é curiosamente vaga e

---

31 KERSHAW, Ian. Hitler. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. pg.79

32 WEBER, Thomas. Hitler's First War. Oxford: Oxford University Press, 2010.

33 Idem. p. 173

34 Idem.

35 Evans, Richard J. (22 June 2011). "[How the First World War shaped Hitler](#)". *The Globe and Mail* (Phillip Crawley).

36 KERSHAW, Ian. Hitler. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. pg. 94

37 FRIEDLÄNDER, Saul. From Anti-Semitism to Extermination. Jerusalem: Yad Vashem, 1976. pg. 5. Disponível em: [http://www.yadvashem.org/untoldstories/Documents/studies/Saul\\_Friedlander.pdf](http://www.yadvashem.org/untoldstories/Documents/studies/Saul_Friedlander.pdf)

superficial. A única referência a elementos biológicos no texto está implícita no conceito de “raça”. Hitler busca construir a imagem da “raça judaica” por meio da negação do judaísmo como parte da germanidade, “*das Deutchtum*”, ou seja, características “raciais” alemãs.

Curiosamente, os elementos levantados por Hitler em sua desconstrução “do judeu” como não-alemão são eminentemente culturais, relacionados à superficialidade da assimilação da cultura local pelos judeus. Dois são os principais argumentos elencados, o primeiro a prioridade dada pelos judeus ao despreverem sua vinculação como judeus, acima da nacionalidade, o segundo está relacionado a sua não inserção cultural, que Hitler argumenta se limitar a língua<sup>38</sup>.

“The facts are as follows: First, the Jews are definitely a race and not a religious community. The Jew himself never calls himself a Jewish German, a Jewish Pole, a Jewish American, but only a German, a Polish, an American Jew. From the foreign nations in whose midst he lives the Jew has adopted very little more than their language.”<sup>39</sup>

Apesar de não incorporar elementos biológicos, não se pode negar o caráter “racial” das ideias de Hitler. Diversos pensadores, dentre os quais podemos citar Arthur de Gobineau e Ernst Haeckel, justificam a existência da “raças” distintas por meio de argumentos não-biológicos como a evolução linguística e a moral, e o ainda futuro ditador parece ter alguma predileção por esse modelo explicativo. Hitler não era, ao menos até esse momento, um antissemita de caráter biológico. Apesar da existência trabalhos que sustentassem abordagens biológicas, como os de Francis Galton e August Weissman, Hitler parece não os conhecer ou não dar importância a eles, adotando o que poderíamos chamar de “antissemitismo *völkisch*”.

Trata-se de uma sobreposição ideológica coerente com a trajetória do ditador, bem como com as leituras que ele afirma ter feito, algumas corroboradas por seus biógrafos, caso da revista *Ostara*<sup>40</sup>. Seu antissemitismo tem menos embasamento em elementos genéticos, concentrando-se em

---

38 „Hitler an Gemlich. München, 16. September 1919“, HStA München. Abt. II. Gruppen Kdo. 4. Bd. 50/8. Abschrift; abgedruckt in Ernst Deuerlein, „Hitlers Eintritt in die Politik und die Reichswehr“, *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte*, 7. Jahrgang, 2. Hefte/Abril 1959, pg. 203-05. Disponível em: [http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub\\_document.cfm?document\\_id=3909](http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub_document.cfm?document_id=3909)

39 Original: “Zunächst ist das Judentum unbedingt Rasse und nicht Religionsgenossenschaft. Und der Jude selbst bezeichnet sich nie als jüdischen Deutschen, jüdischen Polen oder etwa jüdischen Amerikaner, sondern stets als deutschen, polnischen oder amerikanischen Juden, Noch nie hat der Jude von fremden Völkern, in deren Mitte er lebt, viel mehr angenommen als die Sprache”

40 KERSHAW, Ian. Hitler. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. pg. 62-63

aspectos formadores de identidade, caracterizando “o judeu” por meio da oposição ao que ele, Hitler, acreditava ser o alemão. O “antissemitismo *völkisch*” manifestado por Hitler nesse momento caracteriza-se portanto por uma rejeição ao outro com base em sua identidade nacional e não propriamente a sua nacionalidade. Hitler inclusive prevê a possibilidade de que características raciais sejam abandonadas voluntariamente<sup>41</sup>.

“And as a result, there is living amongst us a non-German, foreign race, unwilling and unable to sacrifice its racial characteristics, to deny its own feeling, thinking and striving, and which none the less possesses all the political rights that we ourselves have.”<sup>42</sup>

Se considerarmos que o determinismo genético era corrente, tal dissonância fica ainda mais evidente. Isso não significa que Hitler não irá se apropriar de elementos biológicos posteriormente, o que pode ser exemplificado pelo projeto eutanásia, que se sustenta sobre o argumento da hereditariedade. Porém nesse primeiro momento sua concepção de raça parece se estruturar inteiramente sobre aspectos como língua, passado comum, identificação nacional, típicos do movimento *völkisch* com os quais teve contato em Viena.

Hitler continua sua argumentação explorando a ligação dos judeus à bens materiais, argumento presente na declaração antissemita redigida em Dresden, trecho que inicia-se imediatamente após a citação anterior<sup>43</sup>.

“The feelings of the Jew are concerned with purely material things; his thoughts and desires even more so. The dance round the golden calf becomes a ruthless struggle for all those goods which, according to our innermost feelings, should not be the highest and most desirable things on this earth.”<sup>44</sup>

---

41 „Hitler an Gemlich. München, 16. September 1919“, HStA München. Abt. II. Gruppen Kdo. 4. Bd. 50/8. Abschrift; abgedruckt in Ernst Deuerlein, „Hitlers Eintritt in die Politik und die Reichswehr“, *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte*, 7. Jahrgang, 2. Hefte/Abril 1959, pg. 203-05. Disponível em: [http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub\\_document.cfm?document\\_id=3909](http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub_document.cfm?document_id=3909)

42 Original: “Und damit ergibt sich die Tatsache, daß zwischen uns eine nichtdeutsche, fremde Rasse lebt, nicht gewillt und auch nicht im Stande, ihre Rasseneigenarten zu opfern, ihr eigenes Fühlen, Denken und Streben zu verleugnen, und die dennoch politisch alle Rechte besitzt wie wir selber.”

43 „Hitler an Gemlich. München, 16. September 1919“, HStA München. Abt. II. Gruppen Kdo. 4. Bd. 50/8. Abschrift; abgedruckt in Ernst Deuerlein, „Hitlers Eintritt in die Politik und die Reichswehr“, *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte*, 7. Jahrgang, 2. Hefte/Abril 1959, pg. 203-05. Disponível em: [http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub\\_document.cfm?document\\_id=3909](http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub_document.cfm?document_id=3909)

44 Original: “Bewegt sich schon das Gefühl des Juden im rein Materiellen, so noch mehr sein Denken und Streben. Der Tanz ums goldene Kalb wird zum erbarmungslosen Kampf um alle jene Güter, die nach unserm inneren Gefühl nicht die Höchsten und einzig erstrebenswerten auf dieser Erde sein sollen.”

Hitler não cita explicitamente essa característica atribuída aos judeus como racial, porém essa interpretação é possível considerarmos o caráter fluido de sua visão pessoal acerca desse conceito.

### **Capítulo 3 - O antissemitismo de Hitler e sua ideia de raça**

Ao longo da formação do vasto corpo historiográfico que hoje temos, foram muitos os reveses interpretativos. E um dos que sem dúvida merece destaque diz respeito ao papel que o

antisemitismo teve na ascensão de Hitler e do partido. Acreditou-se por muito tempo o discurso antissemita havia sido um dos grandes motores que levou o NSDAP ao poder, contudo parece ser hoje consenso entre os estudiosos desse período que seu papel foi bastante reduzido, como ilustra a passagem de Oded Heilbronner.

“Millions of Nazi voters did not cast their vote for the party because they were antisemites. They were prepared to accept the Nazi Party’s 1920 programme, including the antisemitic paragraph, only if the party offered them bread, jobs and hope for the future.”<sup>45</sup>

Porém não podemos ignorar, sob pena de subestimar seu papel, que o antisemitismo expandiu-se dentro do território alemão após 1918. Nesse mesmo ano movimentos populares de cunho antissemita ocorreram em Munique e Berlim<sup>46</sup>. Novamente em 1923/24, de forma ainda mais radical, em varias partes do território alemão<sup>47</sup>. Apesar dos episódios citados, não parece pertinente comparar a atmosfera de Munique, mesmo após a guerra, com o que Hitler vivenciou em Viena.

“It is important to stress that Jews were not the only victims of the German moral collapse. The communists, workers affiliated to the organizations of the left and the French were among the groups for whom the German right manifested a deep hatred.<sup>48</sup> Recent studies remind us that the ‘Jewish Question’ was not the main concern of the majority of people in rural or urban Germany. Other concerns, such as inflation, the social upheavals of the 1930s, street violence and the horrific stories coming out of the Soviet Union (to note but a few) were also important, perhaps more so than hatred of the Jews.”<sup>49</sup>

Bracher nos mostra, porém, que o antisemitismo era especialmente eficiente com alguns grupos<sup>50</sup>, elemento explorado por Hitler ao longo dos anos 1920. A adaptabilidade do discurso do partido aliado as condições adversas em que se encontrava a Alemanha nesse período

---

45 HEILBRONNER, Oded. German or Nazi Antisemitism? In: History in Focus, Londres, vol. 7, 2004. p. 9. Disponível em: <http://www.history.ac.uk/ihr/Focus/Holocaust/stone.pdf>

46 ABEL apud KATER, Michael H. Everyday Antisemitism in Pre-War Nazi Germany: The Popular Basis. Jerusalem: Yad Vashem, 1984. p. 5. Disponível em: [http://www.yadvashem.org/odot\\_pdf/Microsoft%20Word%20-%205618.pdf](http://www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%205618.pdf)

47 WISSMANN apud KATER, Michael H. Everyday Antisemitism in Pre-War Nazi Germany: The Popular Basis. Jerusalem: Yad Vashem, 1984. p. 5. Disponível em: [http://www.yadvashem.org/odot\\_pdf/Microsoft%20Word%20-%205618.pdf](http://www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%205618.pdf)

48 STRIEFLER apud HEILBRONNER

49 HEILBRONNER, Oded. German or Nazi Antisemitism? In: History in Focus, Londres, vol. 7, 2004. p. 12-13. Disponível em: <http://www.history.ac.uk/ihr/Focus/Holocaust/stone.pdf>

50 BRACHER, Karl D. The German Dictatorship. Westport: Praeger, 1970. p. 146.



foram determinantes para os sucessos eleitorais, obtidos a partir de 1928. Stephen Lee faz uma breve análise dessas mudanças e comenta que o discurso de Hitler incorporava demandas específicas de cada grupo social a ser cooptado pelo NSDAP, agregando também aspectos gerais baseados especialmente no nacionalismo e na questão racial<sup>51</sup>.

Apesar da constatação de Lee ser pertinente, o número de discursos proferidos por Hitler durante os anos 1920 que tem como cerne o antissemitismo é bastante reduzido, sobretudo após 1924. Muitos historiadores interpretam tal ausência como um indicador de que o antissemitismo foi deixado de lado em prol da conquista do poder por via legal, eleitoral, interpretação coerente com outras fontes acerca do período de Weimar.

Essa constatação nos leva a uma divisão clara desse período em dois momentos. O primeiro corresponderia a cronologia entre 1919 e 1924, e seria caracterizado por um discurso direcionado a seus correligionários em que a crítica ao “judeu” era frequente e feroz. Esse primeiro momento, para muitos autores, coincide também com o crescimento do antissemitismo em território alemão, consequência da Primeira Guerra Mundial<sup>52</sup>. O segundo momento compreender-se-ia entre 1924 e a chegada de Hitler ao poder em 1933. E seria caracterizado pela limitada referência aos judeus em seus discursos, direcionados ao público geral, com objetivo claro de expandir sua base de apoio para além da direita tradicional fortemente antissemita, incorporando a outros discursos alguns elementos antissemitas.

Cabe ressaltar, como nos lembra Needler, que o antissemitismo era um fator importante de coesão e que conferia certa continuidade as propostas apresentadas ao longo desse período<sup>53</sup>. Para esse autor, mesmo diante dessa ausência, o antissemitismo continuou a ser um elemento de propaganda importante para os nazistas. Porém, quando avaliamos de forma ampla o apelo antissemita do NSDAP, torna-se pertinente a referência a Allen ao analisar a ascensão do nazismo em uma pequena cidade alemã, referindo-se ao antissemitismo popular como consequência do apoio ao nazismo e não o contrário<sup>54</sup>.

---

51 LEE, Stephen. Hitler and Nazi Germani. Londres: Routledge, 2010. p. 9.

52 HEILBRONNER, Oded. German or Nazi Antissemitism? In: History in Focus, Londres, vol. 7, 2004. p. 12. Disponível em: <http://www.history.ac.uk/ihr/Focus/Holocaust/stone.pdf>

53 NEEDLER, Martin. Hitler's Anti-Semitism: A Political Appraisal. In: The Public Opinion Quarterly, Vol. 24, No. 4, 1960. p. 668. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2746534> .

54 ALLEN apud HARTMANN, Dieter. Anti-Semitism and the Appeal of Nazism. In: Political Psychology, Vol. 5, No. 4, 1984. p. 636. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3791234> .

A diminuição na quantidade de referências aos judeus não significa que esse tema tenha perdido importância para Hitler, mas pode indicar que não era muito popular entre os alemães. Isso contraria perspectivas que propõem um antissemitismo arraigado na sociedade alemã, dentre as quais podemos destacar a controversa proposta de Daniel Goldhagen, e ilustra um contexto propício ao florescimento do antissemitismo, mas não necessariamente antissemita.

No que diz respeito a Hitler, esse é um momento de descoberta, não apenas de seu antissemitismo, mas também de sua habilidade oratória elemento que influiu ainda mais seu, já enorme, ego. Juntamente com Anton Drexler, Hitler condensa suas propostas em 25 pontos dentre os quais ao menos dois são claramente antissemitas. Esse documento já aponta para uma alteração significativa em relação as proposições vagas e superficiais de 1919. Hitler atribui a cidadania a todos aquele cujo “sangue” for alemão. Mapeando os discursos de Hitler ao longo da primeira metade da década de 1920, observa-se que a associação entre “raça” e sangue é recorrente, porém o segundo conceito não abarca o primeiro em sua totalidade.

Ao ler os discursos proferidos por Hitler ao longo da década de 1920, observamos que um dos argumentos mais frequentemente citados é o da relação entre judaísmo e capital, geralmente vinculado a questões morais. Um exemplo pode ser extraído do discurso proferido em Munique em 12 de abril de 1922<sup>55</sup>. Ao defender o combate ao capitalismo, Hitler o divide em Cristão, que em sua visão não necessita maior atenção e judaico, associado sobretudo a especulação, vinculado a um caráter supranacional que ameaçava a Alemanha, o que, não por acaso, nos remete as ideias de Dresden.

Outro ponto relevante para a compreensão da imagem de Hitler acerca dos judeus é a ideia de coesão. Hitler descreve os judeus como um grupo mundialmente coeso de conspiradores, cujo objetivo é prejudicar os alemães, não apenas por meio da utilização de sua influência supranacional relacionada ao aparente domínio do capital, mas também impondo seu sistema de governo, a democracia.

Tais argumentos buscavam, como deixa claro o próprio Hitler em discurso datado de 9 de novembro de 1921, garantir a unidade contra um inimigo comum. Os elementos analisados até aqui

---

55 NAZI.ORG. Discurso de Hitler em 12 de abril de 1922. In: The Speeches of Adolf Hitler: 1921-1941. Disponível em: <http://www.nazi.org.uk/political%20pdfs/TheSpeechesOfAdolfHitler1921-1941.pdf>

não sugerem que tal abordagem seja meramente uma estratégia concebida com objetivo de criar um inimigo comum. Hitler parece de fato nutrir um profundo ódio pelos judeus e nesse momento discursa para aqueles que já o apoiam, o que sugere maior abertura e uma distancia menor entre aquilo de profere em seus discursos e o que pensa.

Outro elemento importante é a negação do judeu como parte da germanidade e sua construção através da negação de seu caráter germânico. No discurso de Munique, citado anteriormente, ao tratar da democracia Hitler estabelece-a como regime de governo essencialmente judaico, cujas decisões seriam tomadas com objeto de “destruir a liderança ariana”<sup>56</sup>. Como introdução a esse argumento Hitler afirma que “a direita esqueceu-se completamente que a democracia é fundamentalmente não alemã”<sup>57</sup>. Cabe ressaltar que nesse momento o objetivo de Hitler era ainda claramente revolucionário, elemento fundamental a compreensão de sua crítica a democracia e que irá praticamente desaparecer após 1924.

Hitler retoma o argumento anterior e reforça mais uma vez seu caráter moral, concluindo com uma citação atribuída a Schopenhauer, que caracteriza “o judeu” como “grande mestre na arte de mentir”. Tais argumentos são recorrentes, como já se pode perceber, e quando analisados quantitativamente aparecem em maior número que referências raciais, habitualmente associadas ao antissemitismo hitlerista. O número mais elevado de referências a moral reforça o caráter não-biológico observado no discurso de 1919.

Isso nos leva a questionar a origem da referência racial, claramente biológica, presente nos 25 pontos. Nesse mesmo discurso, datado de 12 de abril, Hitler menciona a questão racial, relacionada não ao antissemitismo, mas a uma crítica a teoria marxista. Hitler utiliza um silogismo para negar a existência de classes, alegando que essas seriam castas o que por sua vez corresponde a raça<sup>58</sup>. Mas o aspecto relevante para a presente reflexão é a descrição da raça ariana que Hitler faz em seguida.

Hitler atribui características fenotípicas aos alemães ao citar que teriam eles “os mesmo olhos”. Isso denota, como é sabido, que Hitler tinha em mente um fenótipo alemão, derivado

---

56 NAZI.ORG. Discurso de Hitler em 12 de abril de 1922. In: The Speeches of Adolf Hitler: 1921-1941. Disponível em: <http://www.nazi.org.uk/political%20pdfs/TheSpeechesOfAdolfHitler1921-1941.pdf>

57 Idem.

58 Idem.

sobretudo da leitura de von Liebenfels. Em seguida, no entanto, Hitler apresenta um dos indícios mais gritantes de seu desconhecimento da fundamentação biológica de sua época acerca de questões raciais ao fazer referência a Lamarck, provavelmente acidental e derivada de uma compreensão equivocada da teoria da evolução proposta por Darwin. Hitler atribui “tendências” as diferentes raças advindas de “necessidades fundamentais”<sup>59</sup>.

Seu objetivo é afirmar o trabalho como valor fundamental da raça ariana, em oposição ao judeu que vê no trabalho o meio pelo qual pode explorar outros indivíduos. Hitler não volta a citar que aspectos raciais podem ser alterados, o que denota uma perspectiva fatalista, advinda possivelmente da assimilação do determinismo genético, teoria hegemônica até meados a década de 1960<sup>60</sup>.

Percebe-se um padrão argumentativo importante. Nas fontes consultadas para a elaboração deste trabalho apesar das palavras “sangue” e “raça” aparecerem com frequência, o que poderia denotar embasamento essencialmente biológico, elas são frequentemente seguidas por argumentos não-biológicos com destaque para aqueles de cunho moral, muito caros ao ditador.

A fundamentação para Hitler encontra-se portanto no caráter exemplar do comportamento ariano em oposição as “raças degeneradas” dentre as quais se destacam os judeus. O que se verifica até 1924 é uma repetição indefinida dos argumentos citados. A estrutura desses argumentos também não é alterada de modo significativo. Economia, coesão, liberdade do controle político e econômico exercido pelos judeus são temas recorrentes ao longo dos discursos subsequentes tornando maior detalhamento desnecessário.

Um documento que no entanto merece atenção diferenciada é o livro *Mein Kampf*, escrito por Hitler enquanto estava preso devido a sua tentativa de golpe contra a república. Trata-se de uma obra fundamental por condensar as convicções do futuro ditador acerca de diversos pontos de sua doutrina, permitindo ao historiador acessar em maior detalhe sua visão de mundo, *Weltanschauung*. Outro elemento que a diferencia é que sua confecção se deu em um tempo mais longo denotando provavelmente uma reflexão mais profunda que os discursos analisados até aqui.

---

59 “each race in accordance with its fundamental demands shows externally certain specific tendencies, and these tendencies can perhaps be most clearly traced in their relation to the conception of work.”

60 Referência baseada na publicação dos artigos de Nüsslein-Volhard em 1968, uma das pioneiras em expressão genética variável.

Ao contrário de sua utilização para descrição de momentos anteriores, *Mein Kampf* possui valor explicativo extremamente relevante para análise desta cronologia, por tratar-se do momento em que foi concebido. Isso nos permite comparar os dois momentos de forma satisfatória, a iniciação de Hitler na política em 1919, seu desenvolvimento ao longo da primeira metade dos anos 1920 culminando em *Mein Kampf*, versão mais completa até aqui das convicções professadas pelo Führer.

O capítulo chave para a compreensão do visão de Hitler acerca do judeu e de seu conceito de raça é o décimo primeiro intitulado “Povo e Raça”. O discurso é por vezes contraditório descrevendo os judeus como uma grande ameaça em alguns momentos e como inofensivos. Pare dos argumentos previamente citados se repete, mas podemos identificar alguns eixos essenciais que permitem um melhor entendimento da matéria.

Uma das essências da argumentação de Hitler é a “ausência de idealismo” dos judeus. Hitler atribui ao judeu a característica essencial da autopreservação, elemento que permeia todo o texto. Esse seria para Hitler o cerne do “comportamento judeu” do qual derivam outros desvios inerentes a raça “que apresenta maior contraste com o ariano”<sup>61</sup>. Sua coesão, chamada “solidariedade racial”<sup>62</sup> por Hitler, se manifestaria diante de um contexto em que se sintam ameaçados. Hitler compara os judeus a um grupo de lobos que caçam juntos, mas separam-se após saciar sua fome.

Uma consequência direta desse instinto de autopreservação seria o caráter supranacional da “nação” judaica. Como vimos em Friedländer<sup>63</sup>, os judeus estavam longe de constituir um todo coeso, mesmo em momentos de crise. A assimilação se dava em níveis distintos, mas sua identificação nacional residia majoritariamente no país que os acolheu. Para o Führer a ausência de um correspondente territorial advinha da supracitada ausência de idealismo, por sua vez intimamente relacionada uma atitude positiva em relação ao trabalho<sup>64</sup>.

Ao contrário do ariano, “o judeu”, para Hitler, era avesso ao trabalho o que o tornaria incapaz de erguer um Estado próprio. Além do trabalho a não constituição de uma civilização é

---

61 HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Centauro, 2001. p. 222

62 Idem. p. 224

63 FRIEDLÄNDER, Saul. *Nazi Germany and the Jews 1939-1945: The Years of Extermination*. New York: Harper Perennial, 2008. pg. 6

64 HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Centauro, 2001. p. 225

outro elemento que impossibilitaria o estabelecimento de um Estado-nação judeu, que no texto é exemplificado pela ausência de uma expressão artística própria. Os judeus seriam portanto parasitas, que se beneficiavam da apropriação de elementos de outras raças.

O judaísmo como religião é para Hitler, nada mais que mais uma artimanha derivada do instinto judaico de autopreservação fazendo deles uma raça e não uma “seita” de cunho religioso<sup>65</sup>, uma “nação dentro da nação”, razão pela qual a luta ariana se justifica. A doutrina judaica descrita em Mein Kampf visa a preservação da pureza racial, argumento que contradiz outras declarações de Hitler na própria obra. O Talmud é retratado como um guia para uma boa vida, não tratando de questões morais, mas de aspectos econômicos.

Não se observa portanto, ao longo desse primeiro momento da década de 1920, qualquer indício de um antissemitismo de caráter biológico, bem como parece plausível, considerando as contradições internas observadas e a superficialidade dos argumentos, concordar com Hillgruber<sup>66</sup> que descreve o antissemitismo de Hitler como uma fixação. Trata-se portanto de uma apropriação demagógica de um arcabouço ideológico anterior que Hitler não parecia dominar.

Ao contrário do que afirma Mommsen<sup>67</sup>, o antissemitismo radical professado por Hitler não advém de uma de uma radicalização de origem fascista, mas de uma vertente anterior cuja continuidade pode ser observada em documentos e personagens que de alguma forma inspiraram e influenciaram Adolf Hitler em sua carreira política.

No que tange o segundo momento, posterior a 1924, foram encontradas poucas fontes acerca do tema onde a participação de Hitler tenha sido significativa. Isso corrobora a proposição de uma mudança de estratégia defendida por muitos, sobretudo defensores de abordagens personalistas. O número de documentos produzidos por outros atores acerca do ódio aos judeus possibilitaria uma análise mais detalhada do contexto, contudo, o foco seria desviado das especificidades da formação ideológica de Hitler extrapolando o escopo deste trabalho.

---

65 Idem. p.227

66 HILLGRUBER, Andreas. War in the East and Extermination of the Jews. In: GERD; WETTE “**Unternehmen Barbarossa**”: Der deutsche Überfall auf die Sowjetunion 1941. Paderborn, 1984. p. 219-236. Disponível em: [http://www.yadvashem.org/untoldstories/documents/studies/Andreas\\_Hillgruber.pdf](http://www.yadvashem.org/untoldstories/documents/studies/Andreas_Hillgruber.pdf).

67 MOMMSEN, Hans. **An Interview with Professor Hans Mommsen**. Jerusalem: Yad Vashem, 1997. p. 4. Disponível em: [http://www.yadvashem.org/odot\\_pdf/Microsoft%20Word%20-%203850.pdf](http://www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%203850.pdf).



## Considerações Finais

Ao longo da presente iniciativa de pesquisa buscou-se lançar luz sobre um dos elementos fundamentais da ideologia nacional-socialista concebida por Adolf Hitler e seus correligionários. O tema, no entanto, é complexo, deixando algumas lacunas a serem preenchidas, e subtemas que poderiam ser explorados em maior detalhe. Porém, alguns elementos podem ser destacados com relação ao antissemitismo professado por Hitler ao longo de sua escalada política.

Antes de passar aos argumentos que norteiam este capítulo, é preciso ressaltar as dificuldades metodológicas enfrentadas pelo historiador ao se dedicar a esse tema. As fontes são escassas, em especial aquelas anteriores a Guerra, o que faz da imaginação histórica elemento essencial ao estudioso da ideologia hitlerista.

O primeiro elemento a ser destacado foi a inserção do Führer em seu contexto. Ao analisarmos o antissemitismo no século XIX fica claro, ao contrário do que argumentam alguns historiadores, sobretudo aqueles cuja abordagem está centrada na personalidade do ditador, que Hitler está inserido em um contexto ideológico que o alimentou e influenciou. Analisadas separadamente, suas ideias não representam inovação alguma, devendo ser atribuída a ele, porém, a responsabilidade por condensá-las.

Não se trata, no entanto, de um esforço intelectual do próprio ditador, mas de um contexto propício ao surgimento de figuras como ele. Viena se destaca como exemplo. A intensidade com que se divulgava o antissemitismo na ruas vienenses é constantemente destacada por historiadores, a exemplo de Lukacs e Hamann, o que contribuiu para que o antissemitismo de Hitler não se destacasse, gerando ambiguidades como as observadas por Kershaw, onde os testemunhos daqueles que conviveram com o ditador no Lar dos Homens não convergem acerca de sua conversão ao antissemitismo.

Isso fica evidente ao analisarmos o documento produzido durante o Congresso Antissemita de Dresden, citado no primeiro capítulo. Observamos que muitas das ideias presentes nesse documento serão apropriados posteriormente por Hitler e pelo NSDAP. Posições essas que tem sua origem em uma reinterpretação oitocentista de concepções cristãs anteriores acerca dos judeus. O que não significa que possamos traçar uma linha direta entre o século XVI e o século XX



como propõe Goldhagen. Trata-se de uma alteração profunda de paradigma que justifica a cisão entre o antissemitismo anterior e posterior ao século XIX

Salta aos olhos a importância atribuída à aspectos científico e racionais, elementos tipicamente oitocentistas incorporados pelo ditador ao longo de sua trajetória. Pode-se observar nas principais fontes, com destaque para a carta de 1919 e *Mein Kampf*, a tentativa em dar uma roupagem racional e científica ao ódio que Hitler sentia pelos judeus. Não é possível determinar se essa necessidade parte do próprio ditador, ou se advém do contexto, ficando claro, no entanto, que era um importante elemento legitimador, constantemente reforçado.

O segundo elemento debatido ao longo deste trabalho diz respeito à conversão de Hitler, fruto ainda de grande debate entre historiadores. Poucos defendem uma conversão precoce, apesar de relato de Kubizek e dos indícios de que Hitler teve contato, ainda em Linz, com publicações de cunho nacionalista, apresentados por Kershaw, não parecendo provável, no entanto, que ao se mudar para Viena Hitler fosse um antissemita convicto, versão esta negada pelo próprio ditador.

Passamos então ao clássico dilema entre Viena e Munique, que ainda é motivo de discórdia entre acadêmicos que se dedicam ao estudo da formação ideológica de Adolf Hitler. É temerário negar a importância de Viena na formação de Hitler, mas é igualmente arriscado afirmar que esse período teria sido determinante. Foi durante sua estadia em Viena que Hitler teve contato com uma atmosfera profundamente antissemita, mas em especial com figuras que moldaram sua percepção a respeito do antissemitismo e da política.

O político austríaco Karl Lueger foi, sem dúvida, uma das figuras mais relevantes para a formação de Hitler como político. Pode-se afirmar inclusive que ele teria sido um modelo para a atuação política do Führer, ponto evidenciado por Lukacs ao comparar opiniões femininas acerca de ambos. A admiração de Hitler por Lueger é inegável, bem a influência ideológica que exerceu sobre o ditador.

O episódio do encontro com o judeu mencionado em *Mein Kampf* também merece destaque. Dentre os inúmeros eventos ocorridos em Viena, este é o que Hitler destaca como decisivo em sua conversão. Por outro lado, é preciso ressaltar que seu relato em *Mein Kampf*, além de criar textualmente a sensação de uma “estrada de Damasco” antissemita, denota uma reflexão posterior

ao fato, nos levando a questionar sua real importância.

A mudança para Munique e a participação na Guerra vem em seguida. Estar diretamente envolvido em um conflito das proporções de uma Guerra Mundial é certamente impactante, mas é nesse período que se encontram os primeiros indícios concretos de sua conversão, posicionamento em que convergem Kershaw e Weber, reforçado pela carta escrita à Gamlich em 1919. Porém um ponto fundamental deve ser destacado. Como fica evidenciado ao compararmos as fontes produzidas pelo ditador na primeira metade da década de 1920, Hitler havia se tornado um antissemita convicto, porém a fundamentação para seu antissemitismo não estava consolidada, Historiadores, a exemplo de Mommsen, irão afirmar que isso nunca irá ocorrer, porém tais argumentos devem ser analisados com especial cautela.

Isso nos leva ao terceiro capítulo e a uma reflexão sobre o caráter ideias antissemitas de Hitler. Cabe lembrar, primeiramente, que a importância do antissemitismo para a ascensão de Hitler e instalação do regime na Alemanha não deve ser supervalorizada como anteriormente pregavam os estudiosos<sup>68</sup>. O Antissemitismo não parece ter sido decisivo para o sucesso eleitoral dos nazistas. Isso se torna evidente quando avaliamos a discrepância entre as menções a argumentos antissemitas anteriores a prisão do ditador e aquelas posteriores a esse acontecimento.

A mudança de estratégia ocorrida após sua prisão, que justifica a divisão da década de 1920 em dois momentos, indica que o antissemitismo não poderia ser utilizado maciçamente para angariar votos por não se tratar de um tema popular mas, como evidencia Heilbronner, os alemães estavam dispostos a aceitar o antissemitismo desde que problemas mais urgentes fossem solucionados.

O mesmo cuidado deve ser tomado com a interpretação diametralmente oposta. O antissemitismo como nos mostra Lee, foi importante para cooptar determinados grupos, bem como para conferir coesão ideológica ao movimento. O que fica evidente ao analisarmos os discursos anteriores a 1925, direcionados sobretudo a seus correligionários, esse discursos frequentemente agregam elementos antissemitas ou tem como objeto uma feroz crítica aos judeus. Ou seja, o antissemitismo não pode ser descartado da equação que culminou com a nomeação de Hitler em 1933.

---

68 Dentre os quais podemos destacar Walter C. Langer

O último ponto evidenciado ao longo desse trabalho está relacionado ao caráter não-biológico dos argumentos empregados por Hitler em sua defesa do judaísmo como raça. Vários elementos saltam aos olhos ao nos confrontarmos com as fontes. O primeiro deles está relacionado a superficialidade dos argumentos e a proposta eminentemente demagógica dos discursos, ambos elementos marcantes na figura de Adolf Hitler, que denotam um grau limitado de reflexão acerca de suas próprias ideias, compatível com a imagem que foi difundida sobretudo por historiadores funcionalistas.

O segundo ponto, previamente citado, está relacionado a reafirmação constante da racionalidade e da cientificidade como paradigmas fundamentais. Na carta em 1919 Hitler afirma que o antissemitismo apaixonado deve ceder espaço a outro alicerçado na razão. Conselho que o próprio Hitler parece não seguir. Ao narra o episódio do encontro com o judeu Hitler novamente apela a racionalidade alegando ter lido inúmeros livros antes de converter-se. A superficialidade supracitada não corrobora tal aprofundamento, contudo não se pode refutar que o ditador tenha feito leituras relacionadas, ressaltando que tal ênfase aponta mais uma vez para a busca de legitimação na razão.

Apesar de não inovar em seus argumentos, Hitler sem dúvida inovou ao conciliá-los. Seu antissemitismo se torna uma quimera de ideias, algumas delas contraditórias, que apesar das contantes mudanças e adaptações possui um aspecto comum. Elas estão alicerçadas sobre uma concepção *völkisch* de antissemitismo. O próprio conceito de raça adquire contornos não-biológicos. Hitler muitas vezes defende o judaísmo como raça em oposição aquilo que acreditava ser “alemão”, utilizando como argumentos a moral, a língua, o passado comum e a identificação nacional.

A inclusão posterior de elementos biológicos, como a questão do “sangue alemão” e o determinismo genético, que aliado a hereditariedade culminará no projeto eutanásia, acabam por gerar mais contradições internas do que propriamente fundamentar cientificamente seus argumentos, o que denota uma vez mais, o não-brilhantismo de Hitler, buscando dar uma roupagem racional ao seu ódio.

Em resumo, Hitler, como seus contemporâneos, é fruto de uma tradição oitocentista cujos valores estão impregnados em seu discurso. Apesar de não ser possível compilar argumentos

essenciais, pois eles se alteram com muita frequência, percebe-se a predileção do ditador por aspectos não-biológicos embasados no pensamento *völkisch*, lógica que possivelmente pode ser percebida ao longo de toda a carreira política de Adolf Hitler. Fica evidente portanto que o antissemitismo de Hitler foi construído ao longo do processo sendo difícil estabelecer um ponto de inflexão, aspecto que possivelmente se estende a década de 1930, sendo evidente sua conversão, mas impossibilitando precisar sua cristalização.

## Fontes

Stenographische Berichte über die Verhandlungen des Preußischen Hauses der Abgeordneten [Stenographic Reports on the Proceedings of the Prussian House of Representatives], 19 LP, III Session, Vol. 1, pp. 173-74. Disponível em: [http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub\\_document.cfm?document\\_id=771](http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub_document.cfm?document_id=771) Acessado em: 17/07/2013

Stenographische Berichte über die Verhandlungen des preußischen Abgeordnetenhaus [Stenographic Reports on the Proceedings of the Prussian House of Representatives], 14th legislative period 1885/88, 1st Session, vol. 1, 8th Meeting, Berlin, January 28, 1886, pp. 164ff; reprinted in Otto von Bismarck, Werke in Auswahl. Jahrbundertausgabe zum 23. September 1862 [Selected Works. Centennial Edition for September 23, 1862], ed. Gustav Adolf Rein et al., 8 vols, vol. 7, Reichsgestaltung und Europäische Friedenswahrung [Formation of the Reich and Keeping Peace in Europe], Part 3, 1883-1890, ed. Alfred Milatz. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2001, pp. 352-78. Disponível em: [http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub\\_document.cfm?document\\_id=1840](http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub_document.cfm?document_id=1840) Acessado em: 17/07/2013

Manifest an die Regierungen und Völker der durch das Judenthum gefährdeten christlichen Staaten laut Beschlusses des Ersten Internationalen Antijüdischen Kongresses zu Dresden am 11. und 12. September 1882 [Manifesto to the Governments and Peoples of the Christian Nations Threatened by Judaism": The First Anti-Jewish Congress in Dresden (September 11-12, 1882)]. Chemnitz, Sachsen: Verlag von Ernst Schmeitzner, 1882, pp. 1-14. [Bundesarchiv, ZSg 2/15 (4)]. Disponível em: [http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub\\_document.cfm?document\\_id=581](http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub_document.cfm?document_id=581) Acessado em: 17/07/2013

NAZI.ORG. The Speeches of Adolf Hitler: 1921-1941. Disponível em: <http://www.nazi.org.uk/political%20pdfs/TheSpeechesOfAdolfHitler1921-1941.pdf>. Acessado em: 17/07/2013

HITLER, Adolf. Minha Luta. São Paulo: Centauro, 2001.

LANGER, Walter C. A Mente de Adolf Hitler. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.

## Bibliografia

BRACHER, Karl D. The German Dictatorship. Westport: Praeger, 1970.

EVANS, Richard J. (22 Junho 2011). "[How the First World War shaped Hitler](http://www.theglobeandmail.com/arts/books-and-media/hitlers-first-war-by-thomas-weber/article4261721/)". *The Globe and Mail* (Phillip Crawley). Disponível em: <http://www.theglobeandmail.com/arts/books-and-media/hitlers-first-war-by-thomas-weber/article4261721/> Acessado em: 17/07/2013

FEST, Joachim. Hitler. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

FEST, Joachim. Hitler. Orlando: Hartcourt, 1974.

FLEMING, Gerald. Hitler and the Final Solution. Berkeley: University of California, 1987

FRIEDLÄNDER, Saul. From Anti-Semitism to Extermination. Jerusalem: Yad Vashem, 1976. pg. 5. Disponível em: [http://www.yadvashem.org/untoldstories/Documents/studies/Saul\\_Friedlander.pdf](http://www.yadvashem.org/untoldstories/Documents/studies/Saul_Friedlander.pdf) Acessado em: 17/07/2013

FRIEDLÄNDER, Saul. Nazi Germany and the Jews 1939-1945: The Years of Extermination. New York: Harper Perennial, 2008.

HARKET, Håkon. Alemanha: No pensamento da violência. In: ERIKSEN, at al. História do Anti-Semitismismo. Lisboa: 70, 2010.

HARTMANN, Dieter. Anti-Semitism and the Appeal of Nazism. In: Political Psychology, Vol. 5, No. 4, 1984. p. 636. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3791234> .

HILBERG, Raul. The destruction of European Jews: precedents. In: BARTOV, O. The Holocaust: Origins Implementation, Aftermath. New York: Routledge, 2001. pg. 21-42.

HEILBRONNER, Oded. German or Nazi Antisemitism? In: History in Focus, Londres, vol. 7, 2004. p. 9. Disponível em: <http://www.history.ac.uk/ihr/Focus/Holocaust/stone.pdf> Acessado em: 17/07/2013

HELLIG, Jocelyn. The Holocaust and Antisemitism: a short history. Oxford: Oneworld, 2003.

HILLGRUBER, Andreas. War in the East and Extermination of the Jews. In: GERD; WETTE "Unternehmen Barbarossa": Der deutsche Überfall auf die Sowjetunion 1941. Paderborn, 1984. p. 219-236. Disponível em: [http://www.yadvashem.org/untoldstories/documents/studies/Andreas\\_Hillgruber.pdf](http://www.yadvashem.org/untoldstories/documents/studies/Andreas_Hillgruber.pdf). Acessado em: 17/07/2013

JÄCKEL, Eberhard. Hitler in History. Londres: University Press of New England, 1984.

KATER, Michael H. Everyday Antisemitism in Pre-War Nazi Germany: The Popular Basis.

Jerusalem: Yad Vashem, 1984. p. 5. Disponível em: [http://www.yadvashem.org/odot\\_pdf/Microsoft%20Word%20-%205618.pdf](http://www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%205618.pdf) Acessado em: 17/07/2013

KENT, George. Bismarck e o seu tempo. Brasília: UnB, 1982.

KERSHAW, Ian. Hitler. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KERSHAW, Ian. Hitler: Um perfil no poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

KERSHAW, Ian. Hitler, the Germans, and the Final Solution. Binghamton: Vail-Ballou, 2008.

KERSHAW, Ian. The Nazi Dictatorship. Nova Iorque: Bloomsbury, 2000.

LEE, Stephen. Hitler and Nazi Germani. Londres: Routledge, 2010.

LORENZ, Einhart. Berlim: O Desenvolvimento do “Anti-Semitismo Moderno”. In: ERIKSEN, at al. História do Anti-Semitismo. Lisboa: 70, 2010.

LUKACS, John. O Hitler da História. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MOMMSEN, Hans. **An Interview with Professor Hans Mommsen**. Jerusalem: Yad Vashem, 1997. p. 4. Disponível em: [http://www.yadvashem.org/odot\\_pdf/Microsoft%20Word%20-%203850.pdf](http://www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%203850.pdf). Acessado em: 17/07/2013

NEEDLER, Martin. Hitler's Anti-Semitism: A Political Appraisal. In: The Public Opinion Quarterly, Vol. 24, No. 4, 1960. p. 668. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2746534> .

STACKELBERG, Roderick. Hitler's Germany. Londres: Routledge, 1999.

TESS, Cosslett. Science and Religion in the Nineteenth Century. New York: Cambridge University Press, 1984

VOLKOV, Shulamit. Anti-Semitism as Explanation: For and Against. In: POSTONE; SANTNER. Catastrophe and Meaning. Chigago: University of Chigago Press, 2003

WEBER, Thomas. Hitler's First War. Oxford: Oxford University Press, 2010.

### **Declaração de autenticidade**

Eu, Vinícius Bivar Marra Pereira, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “As origens de uma obsessão: um estudo sobre o antissemitismo de Adolf Hitler” foi integralmente por mim redigido, e que assinaei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Data: 17 de julho de 2013

---

Vinícius Bivar Marra Pereira